

# PROPOSTA DE UM JORNAL-LABORATÓRIO COMUNITÁRIO E ELEMENTO DE PRÁTICA INTERDISCIPLINAR

Bruno FUSER\*

## I. INTRODUÇÃO

### 1.1 - Histórico

Desde 1988, quando o Jornal-laboratório Extra, do curso de Jornalismo da Puccamp, passou a contar com a atual estrutura - dois professores, cada um com 21 horas-aula semanais, formato standard, inicialmente, uma cor; hoje tablóide, duas cores na primeira e última páginas, 5.000 exemplares de tiragem, em média 16 páginas), tem passado por várias fases, cada uma delas com suas características editoriais e operacionais.

Inicialmente se procurou fazer um veículo que abordasse assuntos gerais (Economia, Política, Artes...), que interessassem, da mesma forma como outro jornal generalista, seu público-alvo. Este foi escolhido da maneira mais fácil, na própria instituição: a comunidade formada por alunos e professores da Puccamp. Documento de 1990, elaborado pelos professores Renato Anselmi e Mário Rios, responsáveis pela disciplina, aprovado pelo Departamento, definia da seguinte forma os objetivos do jornal: "1º - Possibilitar ao estudante o desenvolvimento de atividades práticas-orientadas e supervisionadas - no que

---

(\*) Jornalista; mestre e doutorando em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicações e Artes/USP; professor concursado do Departamento de Jornalismo do IACT/PUCAMP desde 1988.

tange às fases de concepção, produção e controle de veículo de comunicação jornalística impresso. 2º - Prestar serviços na área de divulgação jornalística para a comunidade, funcionando como elo de ligação entre esta e a Universidade. 3º - Estar em condições de desenvolver a divulgação jornalística da própria Universidade como um todo e de seus segmentos, individualmente, quando se fizer necessário".<sup>1</sup>

Após quatro anos nessa perspectiva, procurou-se, em 1992, editar um jornal cujo conteúdo, em princípio, deixaria de ser generalista e estaria mais "focado" em seu público-alvo. A alteração deveu-se basicamente à quase total ausência de retorno da publicação por parte dos pretendidos receptores, seja através de cartas, seja através de polêmicas que o veículo viesse a suscitar ou refletir e que passassem a fazer dele um referencial de comunicação para a comunidade.

Assim, o Extra passou a tratar de questões relativas às áreas centrais de interesse do próprio Instituto de Artes e Comunicações, ou seja, Jornalismo, Publicidade, Relações Públicas, Artes e Turismo, pretendendo dirigir-se não somente aos alunos, mas igualmente aos profissionais desses setores na

cidade de Campinas. Novamente imperou o silêncio, que se somou à inexistência de uma reflexão mais aprofundada sobre o jornal-laboratório, tanto teórica como metodológica.

A demanda feita pelo Departamento de Jornalismo a partir de 1992, para que fosse elaborado um novo e detalhado projeto específico para o Extra, que o tornasse mais dinâmico, fez com que os professores responsáveis pela disciplina, em 1993, tenham feito a proposta de se eleger como público-alvo uma comunidade bastante diferenciada, a do município de Hortolândia. Conseguiu-se então o que deveria ser rotina na atividade jornalística, e também no aprendizado de Jornalismo: finalmente passou a existir a participação do público-alvo na crítica à publicação, com o surgimento de polêmicas, noções de apoio e de repúdio, sugestões de reportagens.

Paralelamente, quando anteriormente a principal reclamação dos alunos era quanto à falta de periodicidade e de vínculo com o público-alvo por parte do Extra, surgiu desta vez o problema da distância (o município fica a cerca de 30 km do centro de Campinas, é pobre, muitas ruas são de terra...) como crítica inicial, além de outras quanto à operacionalidade, com

petência de professores, desarticulação do Departamento e inexistência de projeto gráfico-editorial.<sup>2</sup>

Veio agora, em 1994, em função da dificuldade dos alunos em se locomover, ou, ao menos, sua alegada dificuldade, a proposta de novo público-alvo, a população dos distritos de Sousa e Joaquim Egídio, de certa forma geograficamente delimitada nas cercanias da cidade, embora não sejam municípios autônomos, como Hortolândia. A distância é um pouco menor, são locais mais bem servidos de infra-estrutura urbana, há mais transporte coletivo e mesmo certos atrativos turístico-urbanísticos.

Hoje (mês de setembro de 1994) está em fase de fechamento a quinta edição do ano, com todas as possibilidades para o curso conseguir novamente o que foi alcançado apenas no ano passado, produzir as oito edições anuais preconizadas pelo MEC. Persistem queixas dos alunos, há menos resposta da população do que em Hortolândia, município absolutamente carente de informação e que propiciava o jornalismo-denúncia, dada a gravidade da situação da cidade em termos de infra-estrutura urbana, mas se tem consolidado uma proposta de jornalismo laboratorial comunitário.

## 1.2 - Os problemas

O que tem emperrado o Extra, no entanto, impedindo-o de tornar-se um veículo de comunicação mais vibrante, polêmico, atrativo, que motive os alunos e professores, ao invés de se constituir muitas vezes em mais uma barreira a ser vencida para obtenção do diploma ou do salário no final do mês? Em primeiro lugar, durante o tempo em que o público-alvo foi a comunidade da Puccamp, não se discutiram temas polêmicos - mensalidades, por exemplo - que pudessem despertar o interesse do público-alvo.

Ademais, vale lembrar, em nenhum momento da história recente (desde 1988; foi precedido por outros projetos laboratoriais, produzidos de forma bastante diferenciada, inclusive do ponto de vista técnico) do Extra foi utilizado o instrumento da pesquisa de opinião ou de recepção, seja para definir com maior clareza quais os interesses dessa comunidade, seja para detectar qual sua reação como receptor daquela mensagem - ou mesmo se a recebia, pois há imensa distância entre distribuir jornais em caixinhas e verificar de fato se ele é lido.

Essa ausência de utilização de instrumentais sistemáti-

cos, científicos, que embasassem os sucessivos projetos fazem - até agora, na experiência de Hortolândia, e também em Sousa e Joaquim Egídio - que se caminhe demais por intuição, por especulação, incorrendo-se possivelmente em equívocos sérios, que devem ser evitados na prática profissional e também numa instituição universitária. Não se tem clareza ainda se o jornal voltado para a discussão de temas específicos de Artes e Comunicações "não deu certo" por questões internas a ele (pauta superficial, fontes inadequadas...) ou pelo desinteresse extremamente acentuado que parte dos alunos vêm demonstrando pelo curso, parecendo mais interessados em "comprar" o diploma do que exercer uma prática laboratorial que propicia seu aperfeiçoamento na área.

Isso pôde ser visto na experiência desenvolvida em 1993 pelo jornal do Diretório Central dos Estudantes, que, conforme foi relatado por um ex-aluno de Jornalismo que participava da elaboração do mesmo (Dario de Barros Carvalho Jr.), não conseguiu ser bem aceito entre a comunidade discente. Ou seja, existe a possibilidade de o público interno ser tão amorfo, tão apático, tão desinteressado por leitura, tão fortemente massificado pela mídia eletrônica - ou

por outras razões não aventadas ou suspeitadas, mas que se precisaria verificar, como uma preguiça crônica, a tendência a se colocar a culpa de tudo "na estrutura", que não funciona -, que se torne necessário repensar-se radicalmente qualquer veículo impresso que a ele se destine.

Essas questões, no entanto, precisam ser tratadas de maneira mais sistemática no âmbito de Departamento de Jornalismo. Há uma tendência a responsabilizar os professores da disciplina Jornal-Laboratório - entre os quais me incluo apenas de forma temporária - por todos os problemas a ela relativos. O Departamento como um todo tem, de certa forma, deixado essa discussão de lado, na medida que ela significa debater - quase "intrometer-se" - na dinâmica desenvolvida por uma disciplina, quando a prática consolidada é a de se procurar resolver os problemas da maneira fragmentada, e não interdisciplinar ou levando-se em conta o curso globalmente.

Todas, ou quase todas as críticas feitas ao Extra significam na verdade críticas ao curso, ao Departamento. Mesmo porque as fotografias de qualidade duvidosa, os textos muitas vezes confusos, os erros de

português, um projeto visual pouco atraente, isto é, todos aqueles aspectos relativos especificamente ao jornalismo impresso - inclusive do ponto de vista ético e conceitual - são praticados em sua maioria por alunos que foram aprovados nas disciplinas específicas ligadas a essas questões!!! Não estamos, portanto, formando bem os alunos, embora a relação pedagógica seja recíproca e reflexiva, ou seja, o aluno forma-se, não é unidirecionalmente formado pelos professores. Que, por sua vez, devem também reciclar seus conhecimentos a partir do contato com alunos, entre outros.

Apenas para citar alguns problemas que são presentes no *Extra*: a linguagem tem sido absolutamente uniforme, é como se escrever para os alunos da Puccamp fosse a mesma coisa que escrever para a população de Hortolândia ou Sousa e Joaquim Egídio. Não há adaptação de vocabulário, de estrutura de texto, de estrutura visual. Caiu-se, por outro lado, no vício do factualismo: procurou-se em certo momento, tratar as questões da mesma forma como seriam tratadas num jornal diário, quando sabemos que o *Extra* é, na melhor das hipóteses, mensal. O que remete à dificuldade do alunado em pensar a realidade além do plano da superficiali-

dade. Não tem havido a preocupação de se acompanhar de perto a forma como se distribui o jornal - o que, na prática, inviabiliza um estudo sério de recepção.

Não se deve deixar de ressaltar a existência de problemas de ordem administrativa. Um deles foi, em certa época, a demora da Puccamp em definir a gráfica em que seria impresso o jornal, assim como onde seria a editoração eletrônica. A troca constante fazia até o ano passado com que ficasse impossível planejar até mesmo a tipologia do jornal de forma precisa antes de a administração dar a sua resposta (por exemplo, entre os birôs de editoração eletrônica há variações de fontes disponíveis; entre as gráficas, há diferenças de mancha no formato *standard* - como diagramar assim?).

Esses obstáculos, em grande parte, foram superados nos últimos dois anos e comprovaram que é possível se obter muitos resultados dentro dos limites que são inevitavelmente impostos em qualquer instituição. A empresa de editoração eletrônica é permanente, e há alguma dificuldade ocasional em definir a gráfica - com os problemas que aí advêm na definição da mancha -, mas que tendem a se estabilizar caso - Deus nos ajude nesse sentido!, porque se

depende do governo... - a economia se mantenha estável. Outrossim, ainda não há transporte para fazer as reportagens, eliminou-se o ramal que existia na sala de redação, não há funcionário disponível para tarefas burocráticas, apenas um monitor com meia bolsa (12 horas semanais). Já é possível digitar o texto em Word 5.5, mas é apenas uma perspectiva fazer a editoração na própria Puccamp.

Um outro aspecto de funcionamento do jornal-laboratório tem sido entrave para seu desenvolvimento: a inexistência de horário específico para atendimento dos alunos, o que obriga os professores a fazer um esforço em busca de "janelas" ou a utilizar horários ruins dos dias letivos, como as últimas aulas, em que poucos alunos estão presentes. Isso está sendo resolvido com a mudança curricular, mas deverá ser ainda um problema sério em 1995 e 1996.

Outra questão a ser definida é de que forma é possível se estabelecer uma relação interdisciplinar entre o jornal-laboratório e outras disciplinas do curso. A integração de Fotojornalismo e de Planejamento Gráfico, que chega ao seu segundo ano efetivo, mostrou-se uma alternativa altamente positiva. Falta ainda, entretanto, avan-

çar-se na integração de disciplinas responsáveis pela produção e edição de texto.

É de se salientar, outrossim, a falta de maior discussão quanto a alguns aspectos pedagógicos do *Extra*. Embora seus objetivos gerais estejam definidos, conforme citado anteriormente, não houve por parte do Departamento maior reflexão, ou decisão, sobre questões como: o jornal-laboratório deve ser uma "réplica" de um modelo, o da imprensa tradicional? Deve buscar ser uma "alternativa" a esse modelo, do ponto de vista ético, técnico e conceitual? O jornal deve permitir a publicação de "erros" que, didaticamente, seriam apontados e corrigidos a seguir, em outras edições? O que a imprensa tradicional faz é necessariamente o correto?

Por ter sido produzido até o primeiro semestre de 1993 pelos alunos do 4º ano do curso, supunha-se que eles dominariam inúmeras técnicas e aspectos conceituais do jornalismo. No entanto, passa-se a trabalhar agora com o 3º ano. O que muda a partir daí? Como se exigir do aluno o nível de qualidade que se exigia do quartanista? Essas indagações já foram feitas nos seminários internos de Jornalismo, e foram apontadas algumas tentativas

de resposta. No entanto, não há o entendimento que o jornal-laboratório, assim como outros trabalhos feitos internamente, pertençam ao curso como um todo, e não sejam apenas responsabilidade, ou atribuição, ou assunto que diga respeito exclusivamente aos professores da disciplina. Contudo, quando surgem problemas (exemplo, a primeira edição do *Extra* em Hortolândia), fica bastante evidente que o jornal-laboratório é mais que isso, é um "cartão de visita", e igualmente a "vidraça" do Departamento. Quando há méritos, ótimo (o *Extra* obteve menção honrosa no Congresso da Intercom de 1994); se surgem problemas, atenção, e contamos com você para resolvê-los.

## II. UMA PROPOSTA

### II.1 - Didático-pedagógica

- Estabelecer um espaço onde o estudante possa desenvolver exercícios práticos e conceituais sobre o jornalismo;
- induzir o aluno a buscar novas formas de expressão jornalística, pela prática da experimentação;
- promover, a partir da integração entre professores,

disciplinas e estudantes, o espírito de equipe e a troca de experiências necessários para a prática e a pesquisa do jornalismo.

#### II.1.1 - Justificativa

A primeira questão que deve ser lembrada é o próprio conceito de jornal-laboratório, cuja elaboração mais precisa, a nosso ver, é a dada no VII Encontro de Jornalismo Regional sobre o tema, em 1982: "O jornal-laboratório é um veículo que deve ser feito a partir de um conjunto de técnicas específicas para um público também específico, com base em pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos, o que inclui a experimentação constante de novas formas de linguagem, conteúdo e apresentação gráfica. Eventualmente, seu público pode ser interno, desde que não tenha caráter institucional"<sup>3</sup>. A expressão "pesquisas sistemáticas em todos os âmbitos" deixa claro que não se trata exclusivamente de praticar determinadas técnicas, mas de se procurar a partir dessa prática a elaboração e reelaboração teórica. J. Teixeira Coelho Neto faz outras considerações a esse respeito: "Dentro do campo da formação humana, o lugar do laboratório é o espaço onde se experimenta com o elemento vivo, em oposi-

ção à teoria".<sup>4</sup> O autor destaca que o laboratório, nos cursos de comunicação, se constitui na possibilidade de fazer desaparecer as "gritantes e trágicas contradições entre o discurso e a prática de inúmeros ou da grande maioria dos estudantes universitários (e não só deles)".<sup>5</sup> Ou seja, de um lado - o do discurso - defendem-se ideais comunitários, e, de outro - o da prática -, busca-se pragmaticamente ingressar nos caminhos tradicionais em defesa de seus próprios interesses. Para Teixeira Coelho, os laboratórios deveriam encarregar-se de superar essa situação.

Anamaria Fadul aborda outra questão e critica o "império" da técnica nos cursos de Comunicação. Atribuir ao aluno a mera repetição daquela técnica dominada pelo mestre significaria, do ponto de vista da ação pedagógica, situar-se "dentro dos mesmos limites da indústria cultural, onde a repetição de modelos é a norma a ser seguida".<sup>6</sup> Anamaria ressalta que, nesse caso, "a função do professor fica reduzida quase exclusivamente à função do técnico ou do profissional". Além da crítica à ideologia da profissionalização - repetir a técnica existente implica reforçar a ideologia da permanência do modelo dos *mass media* - a autora

lembra que condicionar o ensino de comunicação ao domínio das técnicas dos processos desses *mídia* significaria uma rápida obsolescência desse ensino, dada a velocidade de inovação tecnológica. "A única forma desse ensino manter-se atualizado seria transmitir ao aluno uma função ao mesmo tempo teórica e prática, de forma a permitir, a esse aluno, a sua própria reciclagem frente às novas técnicas revolucionárias", argumenta a pesquisadora.<sup>7</sup>

A autora defende, com base nesses argumentos, uma "nova pedagogia", que também se aplicaria aos cursos profissionalizantes, e não apenas aos básicos. Essa pedagogia estaria fundamentada em conceitos desenvolvidos essencialmente por Antonio Gramsci e Moacir Gadotti. A relação pedagógica seria entendida como uma relação ativa, "onde o professor é sempre aluno e todo aluno, professor". Essa relação se concretizaria a partir de uma "adesão orgânica" de todas as partes envolvidas, que tornaria possível a vida desse conjunto. Anamaria Fadul afirma ainda que a redefinição da relação pedagógica passa ainda pela superação do conceito tradicional do saber, rompendo-se com o conceito de disciplinas estanques. A base dessa ação seria a tentati-

va de se abandonar a divisão entre teoria e prática. Diz ainda a autora: "Por outro lado, a separação entre teoria e prática também pode ser pensada em função da própria relação dessa escola e a sociedade. Mesmo dentro de uma concepção tradicional de Universidade, é possível buscar alternativas para essa dicotomia através da formulação de projetos que envolvam outros segmentos da sociedade (...), da criação de órgãos laboratoriais em cima das necessidades dos diferentes movimentos sociais".<sup>8</sup>

Sérgio Caparelli também defende a necessidade de os órgãos laboratoriais não se constituírem em veículos semelhantes aos tradicionais. Diz o pesquisador: "Os órgãos laboratoriais são um espaço dentro dos cursos de comunicação onde alunos e professores desenvolvem uma prática específica, procurando comprovar, experimentando, os ensinamentos assimilados no decorrer do curso. Nesta perspectiva, eles se revestem de prática e de reflexão".<sup>9</sup>

Outro aspecto importante da proposta apresentada é o reforço à interdisciplinaridade, princípio defendido no projeto pedagógico do curso de Jornalismo da Puccamp. O embasamento teórico nesse sentido é vasto e, até onde foi possível

verificar, consensual, embora ainda esteja em processo embrionário no nosso curso. Ana Mae Barbosa, arte-educadora e ex-diretora do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, comenta a significação do termo interdisciplinaridade, recordando que, como a palavra sugere, significa a existência de disciplinas em separado, autônomas, que se pretende interrelacionar. Continua a autora: "Historicamente podemos apontar como fundamento da interdisciplinaridade a idéia de totalidade, paulatinamente substituída pela idéia de integração do conhecimento"<sup>10</sup>. Segundo a análise de Ana Mae, "a interdisciplinaridade tem, portanto, como função integrar a colcha de retalhos de competências altamente desenvolvidas e de interesses diversificados e muitas vezes antagônicos"<sup>11</sup>. Afirma ainda a autora: "A interdisciplinaridade deve ser o meio através do qual se elaboram os currículos e a práxis pedagógica da Comunicação", mas tem enfrentado inúmeros problemas, como "o narcisismo de alguns de nossos *scholars*, que lutam para demonstrar a importância de seu campo de conhecimento acima de outros".<sup>12</sup>

A importância do trabalho integrado é destacada ainda no relato que Dirceu Fernandes

Lopes faz da experiência do jornal-laboratório Campus, do Departamento de Comunicação Social da UnB. Parte das dificuldades do veículo foi superada com a proposta de "Curso em Bloco de Jornalismo", baseada na integração de quatro disciplinas: Técnica de Jornal e Periódico I, Paginação e Revisão, Edição Jornalística e Técnica de Jornal e Periódico II.

"Essa integração de disciplinas possibilitava que o aluno participasse de todas as fases do jornal. Na realidade, durante o desenvolvimento do curso a divisão em quatro disciplinas desaparecia, havendo apenas prática de Jornalismo. (...) O projeto contava com a participação de quatro professores: dois para redação, um na diagramação e outro para fotografia. (...) Esse tipo de ensino ativava os sentidos, percepções e contribuía para motivar o aluno a tomar parte totalmente do processo, já que ele assumia, na medida do possível, a responsabilidade pelo próprio aprendizado. Isso começava em sua participação efetiva no planejamento do próprio curso. Não recebia um pacote pronto como acontece na maioria das escolas. (...) A falta de pesquisas passou a ser sanada com debates e reflexões sobre o projeto".<sup>13</sup>

Finalmente, vale citar, ainda que rapidamente, as questões consideradas prioritárias, do ponto de vista didático, pelo I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo, promovido pelo Departamento de Jornalismo e Editoração da ECA/USP em 1984, e que ainda são atuais. Entre essas questões está a necessidade de diálogo e atuação conjunta dos docentes das disciplinas profissionalizantes com aqueles das matérias humanísticas, o incentivo à capacitação docente e a avaliação de seu trabalho e a não interrupção dos órgãos laboratoriais durante as férias, para superar o hiato que se cria nesses períodos na relação comunicativa com os públicos a que se destinam.<sup>14</sup>

## 11.2 - Editorial

- contribuir para o aumento do fluxo de informações no âmbito da comunidade de Hortolândia ou de outra comunidade externa à Puccamp, suficientemente delimitada do ponto de vista geográfico e populacional para que a tiragem do jornal-laboratório seja significativa em relação ao público-alvo;

- captar, produzir e divulgar idéias, fatos e acontecimentos de interesse dessa comunidade;

- contribuir para que essa comunidade crie, a partir do *Extra*, novos canais de expressão.

### 11.2.1 - Justificativas

Antes de mais nada, é preciso justificar a escolha de um público externo à Puccamp. Uma das bases para tal escolha é o próprio conceito de jornal-laboratório que foi apresentado anteriormente, no qual se adverte que o público pode ser interno, desde que o jornal não tenha caráter institucional. A idéia de se fazer um veículo interno numa universidade particular, embora confessional, esbarra em obstáculos diversos, em particular o risco de sofrer pressões de setores diversos da Instituição, sem respaldo no caso de irrupção de crises, ou se tornar institucional, limitado ou concorrendo com outro veículo já produzido pela Reitoria.

Vale lembrar que o principal argumento para se fazer um jornal interno não é a eficiência maior dessa proposta ou de ela representar uma alternativa a uma demanda específica de comunicação, mas a facilidade que isso traria para os alunos. Se, de fato, poderia trazer essa facilidade, a experiência tem demonstrado que traz junto o desinteresse, a inexistência de qual-

quer desafio que venha a motivar o corpo discente. Por enquanto, tal vertente tem representado o mero desincumbir-se de uma obrigação legal.

A exceção a essa perspectiva - o argumento de que um jornal interno poderia aprofundar o nível de debate de questões relativas a Artes e Comunicações - tem resposta mais adequada em revistas específicas (Imprensa, Meio & Mensagem...) ou de investigação acadêmica, como a própria *Comunicarte*. Após analisar diversas experiências de jornal-laboratório, Dirceu Lopes conclui: "Somente um jornal-laboratório comunitário é capaz de ser um trabalho em que o estudante possa, de fato, ter todas as características que definam um jornal".<sup>15</sup>

Sem entrar na discussão conceitual sobre jornal comunitário - e mesmo sobre as ambigüidades que traz tal termo -, é importante que o *Extra* mantenha e aprofunde o vínculo que obteve com seu público. Não devemos perder de vista o avanço que a atual fase do *Extra* representou, no sentido de ter conseguido detectar uma demanda de comunicação, e, ao menos em parte, suprido essa demanda, estabelecendo certo vínculo com a comunidade. A experiência de Hortolândia, nessa ótica, foi mais rica que a de

Sousas e Joaquim Egídio, e talvez pudesse se retomada. Lembra Sérgio Caparelli: "Para sua eficiência, o órgão (laboratorial) elege uma área particular de atuação (...). Só assim ele poderá neutralizar as tendências da experimentação pela experimentação, fazendo cada número de jornal para um público diferente, sem preocupações com periodicidade, tornando uma avaliação do retorno muito difícil. Em resumo, o órgão laboratorial deve ser planejado para atingir um público específico, deve ter objetivos claros e atuar como poder concentrado de fogo mais do que como livre atirador".<sup>16</sup>

É novamente Dirceu Lopes, no entanto, que aponta a forma como isso deve ser efetuado - o que serve como crítica à atual fase e como perspectiva para eventuais alterações: "No momento em que professores e alunos responsáveis pela produção, edição e distribuição de um jornal-laboratório se definem por um determinada comunidade, é fundamental que o público tenha participação no planejamento, forma e conteúdo da publicação, traçando a linha editorial em cima de suas necessidades e expectativas e não transformando o órgão em simples repetidor de fórmulas que deram certo na grande imprensa. Nesse novo conceito de jornal-laboratório,

deixando de fazer Jornalismo como mais um exercício escolar, elaborando um veículo com identidade, compromissos e responsabilidades, sempre com objetivos determinados pelo interesse do receptor, impõe-se a criação de fórmulas alternativas para evitar imitações mal feitas de empresas. Para isso, é necessário que o lançamento do veículo seja precedido de uma pesquisa para conhecer o perfil do leitor, identificando seus problemas, prioridades e reivindicações, assim como o tipo de veículo que gostaria de ter no bairro. Independente desse levantamento, é importante que o próprio leitor seja presença atuante no planejamento, opinando sobre a forma e conteúdo do jornal".<sup>17</sup>

Outra perspectiva importante de ser trabalhada é apontada por Bernardo Kucinski. Mais do que centrar-se no produto - o jornal propriamente dito - torna-se essencial o jornal-laboratório e a atividade executada em torno dele preocupar-se com os alunos, e com cada um deles individualmente, no sentido de criar estímulos e tarefas "para que ele se construa como um jornalista pleno, um trabalhador intelectual orgânico, consciente de seu papel político e ideológico, balisado no interesse público e na ética do jornalismo libe-

ral".<sup>18</sup> Kucinski defende que o principal instrumento para a implantação desse modelo é a pauta - ainda que não se perca de vista a qualidade do produto final. "Tudo o que contribuisse para o crescimento do jornalista como trabalhador intelectual consciente e seu aprimoramento metodológico deveria ser privilegiado. (...) Passamos a desenvolver pautas exigentes e sempre que possível criativas, no sentido de não reforçar os padrões dominantes. (...) O salto para o tamanho standard representou a disposição de partir para a luta, para o contra-ataque. Demonstrar que a grande imprensa, muito mais que as escolas de jornalismo, está determinando o baixo padrão do jornalismo brasileiro".<sup>19</sup>

O jornalista e pesquisador da USP ressalta ainda, ao analisar a experiência do *Jornal do Campus*, jornal-laboratório do curso de Jornalismo da ECA/USP, que o veículo não pode afastar-se do sentimento geral da comunidade, nem se pode isolar as concepções políticas do aluno e do professor do conjunto de concepções. Deve-se, defende Kucinski, oferecer um pluralismo de visões, encarando-se a redação como um "laboratório de idéias", um lugar próprio de elaboração e re-elaboração do conhecimento, no qual

haverá tantas linhas políticas quanto forem suas cabeças discentes e docentes. Finalmente, é necessário manter-se a todo custo o princípio de que as liberdades no campo intelectual são ilimitadas, sem que sejam cerceadas pelo poder hierárquico necessário para viabilizar o jornal como produto.<sup>20</sup>

#### NOTAS:

- (1) Departamento de Jornalismo da Puccamp. O jornal laboratório. Campinas, Puccamp, 1990. Mimeo.
- (2) Em 1993, os alunos da 4ª série, período matutino, que elaboraram o *Extra*, sistematizaram seus pontos de vista em documentos entregues a nós, na disciplina Prática III, que se integrou ao jornal-laboratório em 1992 e 1993. A partir de 2º semestre desse ano, o *Extra* passou a ser produzido pelos alunos da 3ª série.
- (3) Lopes, Dirceu Fernandes. *Jornal Laboratório. Do exercício escolar ao compromisso com o público leitor*. São Paulo, Summus, 1989. P. 50.
- (4) Coelho Neto, J. Teixeira. "Da Cultura Esquecida à Prática Política (A Formação Humanística em Comunicação)". In: *Ideologia e poder no ensino de comunicação*. Melo, José Marques de. et alii. São Paulo, Cortez & Moraes/Intercom, 1979. P. 47.
- (5) Id. *Ibid.*

- (6) Fadul, Anamaria. "A Ação Pedagógica na Escola de Comunicação (Notas para uma Reflexão)". In: Melo, José Marques de. Op. cit. 50.
- (7) Id. P. 52.
- (8) Id. P. 57
- (9) Caparelli, Sérgio. "Órgãos Laboratoriais: Espiral, Teia e Reflexão". In: ECA/USP. Cadernos de Jornalismo e Editoração, nº 14. ECA/USP, São Paulo, 1984. P. 25.
- (10) Barbosa, Ana Mae. "A Questão da Interdisciplinaridade na Escola de Comunicação". In: Melo, José Marques de. Op. cit. P. 61.
- (11) Id. P. 62.
- (12) Id. P. 66.
- (13) Lopes, Dirceu Fernandes. Op. cit. P. 162-164.
- (14) I Encontro Nacional de Órgãos Laboratoriais dos Cursos de Jornalismo. Documento Final. In: ECA/USP. Cadernos de Jornalismo e Editoração, nº 14. Op. cit. P. 83-85.
- (15) Lopes, Dirceu Fernandes. Op. cit. P. 57.
- (16) Caparelli, Sérgio. Op. cit. P. 26-27.
- (17) Lopes, Dirceu Fernandes. Op. cit. P. 173-174.
- (18) Kucinski, Bernardo. "O Ano em que fomos felizes". In ECA/USP. Cadernos de Jornalismo e Editoração, nº 21. ECA/USP, São Paulo, 1988. P. 53.
- (19) Id. P. 60-61.
- (20) Id. P. 64.